

DOI: <https://doi.org/10.5902/2236672594864>

Retorno sobre uma prática de pesquisa com elites

Reflections on Research Practice with Elites

Retour sur une pratique de recherche au sujet des elites

Retorno a una práctica de investigación con élites

 **João Gilberto do Nascimento Lima**

Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

Resumo | O artigo trata de uma experiência de pesquisa junto a elites políticas e profissionais. Num primeiro momento, abordamos trabalhos referentes à reprodução de patrimônios políticos familiares e disputas políticas no interior do estado do Maranhão. Em seguida, tratamos de pesquisa sobre elites jornalísticas e redefinições da excelência profissional, a partir do chamado “jornalismo investigativo”. Atentando para as hierarquias em jogo e suas implicações em situações de pesquisa de “assimetria invertida”, são destacadas algumas das dificuldades encontradas e estratégias adotadas visando contorná-las, particularmente em relação à negociação e realização de entrevistas. A partir de uma reflexão sobre as condições sociais de construção do objeto, buscamos demonstrar como a análise da dinâmica de coleta dos dados pode contribuir para elucidar as lógicas de funcionamento dos universos estudados.

Palavras-chave: Elites; Trabalho de campo; Entrevistas; Eleições; Jornalismo.

Abstract: This article examines a research experience conducted with political and professional elites. Initially, we discuss studies pertaining to the reproduction of family political legacies and political disputes within the state of Maranhão. Subsequently, we delve into research concerning journalistic elites and the redefinition of professional excellence, particularly in the context of so-called "investigative journalism". By focusing on the inherent hierarchies and their implications in "inverted asymmetry" research settings, we highlight some of the challenges encountered and the strategies adopted to circumvent them, especially regarding the negotiation and conduct of interviews. Through a reflection on the social conditions underlying the construction of the research object, we aim to demonstrate how an analysis of the data collection dynamics can contribute to elucidating the operational logics of the studied social worlds.

Keywords: Elites; Fieldwork; Interviews; Elections; Journalism.

Résumé: L'article traite d'une expérience de recherche auprès des élites politiques et professionnelles. Dans un premier temps, seront abordés certains travaux concernant la reproduction des patrimoines politiques familiaux et les luttes politiques à l'intérieur de l'État du Maranhão. Ensuite, sera examinée une recherche sur les élites journalistiques et des redéfinitions de l'excellence professionnelle, à partir du soi-disant "journalisme d'investigation". En prenant en compte les hiérarchies en jeu et leurs implications dans des situations de recherche d'"asymétrie inversée", certaines des difficultés rencontrées et des stratégies adoptées pour les contourner y sont mises en évidence, en particulier en ce qui concerne la négociation et la réalisation d'entretiens. À partir d'une réflexion sur les conditions sociales de construction de l'objet, le présent document cherchera à démontrer comment l'analyse de la dynamique de collecte des données peut contribuer à éclairer les logiques de fonctionnement des univers étudiés.

Mots-clés: Élites; Travail de terrain; Entretiens; Élections; Journalisme.

Resumen: Este artículo analiza una experiencia de investigación con élites políticas y profesionales. En primer lugar, presentamos trabajos referentes a la reproducción de los patrimonios políticos familiares y las disputas políticas en el interior de la provincia de Maranhão. A continuación, presentamos investigaciones sobre las élites periodísticas y las redefiniciones del parámetro del profesionalismo basados en el "periodismo de investigación". Con enfoque en las disputas de jerarquías y sus implicaciones en situaciones de investigación de "asimetría invertida", destacamos algunas de las dificultades encontradas y las estrategias adoptadas para superarlas, en particular en lo que respecta a la negociación y la realización de entrevistas. A partir de una reflexión sobre las condiciones sociales en las que se construye el objeto, buscamos demostrar cómo el análisis de la dinámica de la recolección de datos puede contribuir a aclarar la lógica del funcionamiento de los campos estudiados.

Palabras clave: Élites; Trabajo de campo; Entrevistas; Elecciones; Periodismo.

Introdução

Os estudos sobre elites já contam com larga tradição nas Ciências Sociais brasileiras. Primeiramente objeto privilegiado pela Ciência Política, a partir dos anos 1980 o tema passou a interessar cada vez mais pesquisadores de outras disciplinas, como a Sociologia, a Antropologia e a História. Em consequência, verifica-se uma diversificação tanto dos grupos estudados – levando em conta não apenas as elites políticas e econômicas, mas também culturais, religiosas, profissionais etc. – quanto dos enfoques (Grynszpan; Grill, 2011). A principal contribuição para esse cenário foi a influência exercida pelos trabalhos de Pierre Bourdieu, que renovaram as análises ao pautar a necessidade de se investigar os recursos e os princípios de legitimação que conformam as práticas dos agentes que ocupam posições dominantes em diferentes domínios (Bourdieu, 1989; 2011; 2025; Bourdieu; Wacquant, 1992; Coradini, 2001; 2008; Grynszpan; Grill, 2011; Seidl, 2013; Grill, 2013; Seidl; Grill, 2013).

A pretensão deste texto não é fazer um balanço sobre a produção em Ciências Sociais em torno da temática, ou ainda sobre a “teoria das elites” que a inspirou na origem, mas da qual se autonomizou com o tempo (Grynszpan, 1996; 1999). Trata-se de uma mirada retrospectiva sobre uma prática de pesquisa com elites políticas e profissionais. Para além do relato de uma experiência particular, o que se busca é refletir sobre as condições dessas investigações, para daí extrair inferências que permitam identificar e compreender alguns desafios recorrentes nesse tipo de estudo, partindo da premissa de que é preciso integrar na interpretação os problemas encontrados na investigação (Pollak, 1990; Lenoir, 1996; Seidl, 2015).

A primeira pesquisa refere-se ao exame do processo de seleção de elites políticas e disputas faccionais no Maranhão (Lima, 2010; 2012; 2014). O objetivo principal era perquirir os mecanismos de constituição de patrimônios políticos familiares, bem como mapear os alinhamentos e clivagens que duas “famílias de políticos” de uma cidade do interior do estado estabeleceram entre si e com os variados planos da hierarquia política em sucessivas eleições¹, identificando as bases nas quais essas relações se assentavam. Em segundo lugar, entram em pauta os trabalhos sobre as lógicas que presidiram ao desenvolvimento do chamado “jornalismo investigativo” no país, atentando para os nexos entre uma elite profissional e as disputas em torno dos padrões de excelência no jornalismo (Lima, 2018; 2019; 2022). Nos dois casos, a maior parte do material coligido e analisado foi obtido por meio de entrevistas em profundidade e observações de campo², e é sobre a dinâmica,

¹ Exposições da agenda que norteou essas análises podem ser encontradas em Grill (2008a; 2010; 2013). Sobre o estudo das “heranças políticas” e sua pertinência para a compreensão do funcionamento da democracia representativa, ver Canêdo (1991), Patriat e Parodi (1992), Offerlé (1993) e Grill (2008b).

² Sobre a fecundidade da abordagem etnográfica para a análise dos fenômenos políticos, ver Oliveira (2015).

condicionantes e implicações desse levantamento para a construção dos respectivos objetos que as páginas seguintes se debruçam.

Hierarquias sociais e situação de pesquisa

Um dos primeiros entraves com o qual geralmente se depara o pesquisador ao iniciar um trabalho junto a segmentos de elite é a relativa dificuldade de acesso, reforçada por manifestações de desinteresse, desconfiança e reticência dos agentes que compõem o universo, o que remete à questão dos princípios de classificação e hierarquização social e suas relações com as Ciências Sociais. Nesse sentido, a interação estabelecida pode revelar a posição de dominação que as diferenças objetivas conferem aos pesquisados (Wagner, 1993). Tem-se então a chamada “assimetria invertida” (Pinçon-Charlot; Pinçon, 1993; Pinçon; Pinçon-Charlot, 1997; 2007), que decorre das propriedades sociais em cena: sentindo-se mais à vontade em trabalhar em contextos nos quais a troca tende a ser desequilibrada em seu favor, o pesquisador via de regra encontra-se em posição desfavorável quando lida com grupos dominantes³. Por ocasião de entrevistas, esta assimetria pode engendrar um domínio da situação tal que permite às vezes ao pesquisado impor a sua definição do jogo ao pesquisador, algo que só pode ser em alguma medida contornado a partir de um trabalho incessante de construção, que leva em conta os condicionantes da estrutura da relação de pesquisa⁴ (Bourdieu, 2023; Chamboredon et al., 1994).

De toda forma, é preciso ter em vista que a presença do pesquisador não é neutra e este quase nunca passa despercebido (Pinto, 1996; Whyte, 2005). De fato, os pesquisados também elaboram as suas representações sobre a pesquisa e sobre quem a empreende junto a eles, o que influi na dinâmica do trabalho de campo e no teor dos dados coletados (Wagner, 1993; Chamboredon et al., 1994; Legavre, 1996). Portanto, as vicissitudes desse “estar lá” (Geertz, 2005) devem ser incorporadas ao trabalho de construção do objeto. O valor heurístico de se considerar as reações dos interlocutores à presença do pesquisador está no potencial de permitir acessar características gerais do grupo e as concepções mais amplas de sociedade e política em jogo (Oliveira, 2011; 2015).

Nas duas situações, as primeiras incursões foram então dificultadas pela ausência de contatos. No trabalho de campo realizado em cidade do interior do estado do Maranhão, isso se apresentou de modo patente. Numa primeira aproximação, de caráter exploratório, foi visitado o comitê eleitoral do então prefeito e candidato à reeleição em 2008, sem qualquer indicação. A recepção foi protocolar e infrutífera. Por não ser conhecido e dada a suspeita

³ Apesar de, à primeira vista, este tipo de problema desencorajar a dedicação ao tema, ocorre aqui algo semelhante ao relatado por Coradini (2010, p. 157): contrariamente à tendência do interesse no estudo de categorias socialmente mais distantes por parte daqueles com posição de origem mais alta, no caso em questão o estudo de grupos socialmente dominantes acabou se tornando objeto de curiosidade, até pelo estranhamento, dada a origem social.

⁴ Para uma análise da entrevista como uma relação de força mais ou menos eufemizada, ver Legavre (1996).

ensejada pela chegada de um pesquisador interessado em acompanhar sua candidatura e fazer entrevistas, o acesso foi interdito. Cerca de um mês depois, no mesmo local, e já contando com a indicação de um advogado da família do prefeito, que nutria uma relação de amizade de longa data com o então orientador, a acolhida foi radicalmente diferente, e a permissão para seguir a candidatura de perto foi quase irrestrita. Isso foi possível porque o advogado fez a indicação para um membro do círculo mais próximo do prefeito na cidade e ocupante de um dos principais cargos de confiança do Executivo municipal, que por sua vez se responsabilizou por garantir parte do trânsito dentro da facção⁵. Contudo, o fez de maneira muito peculiar e sintomática. Ao intermediar um novo contato, ele afirmava tratar-se de um pesquisador, mas resumia dizendo: “Ele é do nosso pessoal”, e com isso solicitava que fosse bem recebido, pois estava ali por indicação do advogado, que era pessoa de confiança. Uma vez assim introduzido, e sendo identificado como “um dos nossos” – antes que como um “pesquisador” –, fez-se dispensável qualquer outra apresentação ou negociação adicional⁶. O bloqueio inicial e o êxito subsequente oportunizaram antever os registros que sedimentavam aquela rede: a amizade, a confiança e a troca de favores, mas também o quanto é necessário ao investigador saber jogar com diferentes identidades para melhor acessar os domínios que deseja prescrutar.

Como bem salientam Beaud e Weber (2007), a lógica da pesquisa leva a fazer escolhas, a travar alianças que nos aproximam de uns e afastam de outros. Por ser uma conjuntura de acirrada e longa rivalidade entre duas facções políticas, o acompanhamento de um lado da contenda representava o bloqueio simétrico da entrada no outro, fato constatado na prática por ocasião de um comício da candidata adversária, onde foram efetuadas tentativas de flagrante intimidação por parte de membros da sua equipe, que terminaram pela retirada forçada e às pressas do local. Inadvertidamente, a ida ao evento deu-se sem qualquer apresentação prévia, e essa assistência desconhecida deu lugar a um tratamento hostil, a partir da dedução de que ali estava um “espião” do outro candidato⁷. No dia seguinte, tentando contornar o mal-entendido, a devida apresentação foi feita no comitê de campanha. A partir de então, houve a autorização para dar continuidade à coleta de dados junto àquele grupo político. Esse acontecimento ilustra a importância de ser conhecido e reconhecido para poder transitar com segurança em ambientes de conflagrada competição política em âmbito local, onde as redes de interconhecimento são muito densas.

⁵ Sobre os usos da noção de facção na análise de processos políticos, ver Mayer (1987), Boissevain (1971; 2003) e Palmeira (2010).

⁶ A relação assim constituída possibilitou a continuidade da pesquisa por ocasião das eleições de 2010, quando tivemos pleno acesso aos bastidores da campanha da esposa do então prefeito reeleito para o cargo de deputada estadual, bem como posteriormente ao seu gabinete na Assembleia Legislativa do estado. Contudo, isso não implica dizer que todos os acessos foram facilitados automaticamente. Ainda em 2008, durante a campanha eleitoral, foi necessária muita insistência e lidar com vários intermediários para conseguir ter acesso e entrevistar o prefeito candidato à reeleição, o principal interlocutor a ser contactado àquela altura.

⁷ Como destacam Palmeira e Heredia (2010, p. 36), o palanque de um comício não só inclui, mas também exclui pessoas, principalmente integrantes da facção adversária, pois ele simboliza a própria facção que o promove. Sobre a significação social de comícios e atividades correlatas em disputas políticas locais, ver também Coradini (1998b).

No segundo caso, a dificuldade de acesso e a desconfiança são também representativas do funcionamento do universo, com o adendo de que agora se tratava mais de “dominantes profissionalizados”, ou seja, “agentes que extraíam uma grande parte de seus recursos sociais de sua atividade profissional” (Chamboredon et al., 1994, p. 129). Embora envolvesse um escopo mais amplo, foi percebido sem muita demora que ele não era menos regulado por vínculos pessoais, quando a falta de contatos ameaçou inviabilizar o empreendimento como um todo. Isso remete, por exemplo, à frágil institucionalização dos critérios de entrada e à correlata concepção carismática da profissão e das relações entre os pares (Coradini, 1997; 1998a). Lidar com essa injunção exigiu um lento e laborioso trabalho de seleção, negociação e persuasão para ser autorizado a frequentar locais e realizar entrevistas, de modo similar ao relatado por Dezalay e Garth (2002).

Desde o início, fez-se presente o imperativo de expandir o leque de possíveis entrevistados. Para isso, foi fundamental proceder em “bola de neve”, tal como fizeram Pollak (1990), Mension-Rigau (1993) e Wagner (1993), operação que aqui consistiu em solicitar indicações ao final de cada entrevista. Cabe frisar que esse procedimento traz consigo a possibilidade de fazer o pesquisador circular, sem necessariamente sabê-lo, por uma rede de relações de interconhecimento específica. Foram assim verificados não apenas vínculos de amizade e cooperação, mas também de concorrência e mesmo de inimizade, com avaliações mútuas positivas e negativas.

Aliando as indicações sucessivas ao fato de ter optado começar por profissionais mais “acessíveis”, ou seja, pertencentes a um veículo que avançava concepções “alternativas” e em contraposição às lógicas da “mídia tradicional”, aos poucos se mostrou viável progredir em direção a indivíduos que se situavam em posições de destaque na hierarquia da profissão na época⁸. Mais precisamente, alguns foram interpelados por se saber de antemão que conheciam e poderiam indicar um ou outro jornalista considerado “importante” no meio. Essa atitude deliberada de procura por intermediários fez com que determinadas entrevistas tivessem também o propósito de valorizar o contato⁹. Quanto a isso, foi adotada uma conduta complementar, que consistiu em citar pessoas que já tinham colaborado com a pesquisa sempre que um novo profissional era contactado. Essas menções favoreciam a constituição de uma relação de confiança, instrumentalizando a notoriedade de alguns profissionais para ampliar as chances de acesso a novos informantes¹⁰.

⁸ Em contraste com a primeira pesquisa, aqui as indicações adquiriram uma conotação específica. Neste caso, o acerto da opção por proceder em “bola de neve” se deve em grande medida ao fato de que as indicações conformam um expediente que faz parte da rotina do trabalho jornalístico, tanto no que diz respeito ao acesso a postos de trabalho quanto a fontes. Portanto, uma abordagem nesses termos via de regra era vista com naturalidade. Sobre a centralidade do capital social, tal como definido por Bourdieu (2008), para o acesso a posições profissionais no jornalismo, ver Marchetti (2003) e Petrarca (2007).

⁹ Para além disso, os relatos desses intermediários não raro forneceram informações decisivas para a pesquisa. Como aponta Boltanski (1982), as “personalidades importantes” muitas vezes não informam ao pesquisador mais do que ele já não saiba por outros meios, como entrevistas para jornais, notas biográficas etc.

¹⁰ A relação de confiança construída com o passar do tempo oportunizou ainda a autorização para acompanhar um importante congresso profissional em São Paulo, que à época era restrito a jornalistas e estudantes de Jornalismo/Comunicação.

A abordagem nesses termos mostrou-se decisiva. Ter entrevistado alguns jornalistas reconhecidos no meio contribuiu para respaldar a pesquisa junto ao universo estudado, como se viu quando um jornalista comentou que só aceitou o convite porque, lendo a mensagem de apresentação da pesquisa que lhe foi enviada por e-mail, reconheceu nomes de profissionais que ele reputava como referências na profissão. Tratava-se de alguém que lidava com coberturas de alto risco e, portanto, com motivos para ter receio de responder perguntas sobre suas origens sociais, seu trajeto escolar etc.¹¹. Da mesma maneira, outro profissional, que ignorou tentativa de contato no início da pesquisa, quando ainda não dispúnhamos de nenhuma entrevista já realizada – e, portanto, na ausência de qualquer indicação –, meses depois concedeu um longo e produtivo relato, após algumas dezenas de entrevistas com nomes que lhe eram próximos e que serviram de referência. Esses exemplos atestam o quão imperiosa pode ser a demonstração de vínculos para se ter acesso a informantes nesse tipo de pesquisa¹².

A situação de entrevista era muito familiar aos jornalistas. Embora a entrevista jornalística e a entrevista sociológica sejam diferentes, a interação em si não representava um desconforto, excetuando-se talvez o fato de se encontrarem na posição inversa. Mesmo assim, é de fácil constatação o fato de que vários jornalistas já concederam seus relatos para outros, tanto sobre aspectos biográficos quanto sobre os “feitos” da carreira. Logo, os mais velhos e/ou consagrados já estavam mais habituados a dar testemunhos sobre sua vida e atuação, e se mostravam mais à vontade e seguros para falar de si, apresentando uma leitura bastante semelhante ao que se podia encontrar em publicações sobre a sua pessoa, o que demonstrava uma instrumentalização, rotinização e antecipação aos propósitos do pesquisador, como quando começavam a dissertar sobre sua vida antes mesmo de ser colocada qualquer questão. Esses indivíduos foram instados, ao longo de suas carreiras, a formalizar suas percepções sobre si, consolidando representações, identidades e reputações. Então, como seria de se esperar, muitos deles buscavam fazer sua própria análise biográfica, propondo interpretações e justificações de seus comportamentos, escolhas e projetos. Os pontos mais salientados

¹¹ Nas duas pesquisas, as entrevistas foram conduzidas com base em roteiro semiestruturado, que contemplava as seguintes dimensões: origens sociais, trajeto escolar, trajeto profissional, trajeto político e concepções sobre a atividade política ou profissional. Este tipo de roteiro apresenta a vantagem de permitir a intervenção estimulante por parte do entrevistador, propondo elementos de reflexão ao pesquisado. Essas intervenções se tornaram mais frequentes conforme acumulava-se experiência e informação suficientes sobre os respectivos universos. Elas permitiam demonstrar, para o entrevistado, uma familiaridade com os temas tratados, favorecendo um investimento deste naquela troca, com uma maior abertura e respostas mais longas e pormenorizadas, por exemplo. Como argumentam Bourdieu (2023) e Legavre (1996), a postura de neutralidade – entendida como anulação do observador e ausência de envolvimento pessoal – nesse tipo de interação é uma ilusão. Na verdade, a participação do pesquisador na entrevista leva seu interlocutor a dela participar (Bourdieu, 2023). Contudo, como também indica Seidl (2015), isso não implica a pretensão em transformar as representações do entrevistado de acordo com as expectativas do entrevistador. O que está em jogo é a “coprodução de uma certa realidade com o pesquisador” (Legavre, 1996, p. 220). Por fim, quanto a isso é importante consultar também o relato de Boltanski (1982, p. 8-9).

¹² Esse expediente também foi muito útil na pesquisa sobre competição política local, dado que a maioria dos interlocutores pertencia a uma mesma família.

nesse tipo de relato almejavam destacar a singularidade da trajetória, assim como traços subjetivos que teriam influenciado na carreira, como a “vocação” ou o “instinto”¹³.

Reiterando o peso das relações pessoais no funcionamento e nos modos de acesso, o andamento desta pesquisa mostrou que é muito difícil conseguir entrevistas via requerimento formal. Uma grande emissora, por exemplo, contava com um intrincado protocolo para autorizar seus profissionais a atenderem esse tipo de demanda, em particular aqueles que possuíam “contrato de exclusividade”. Foram enviadas mensagens de apresentação pelos canais institucionais do veículo, sem obtenção de retorno em nenhuma das tentativas¹⁴. Esse tipo de dificuldade é bastante recorrente em estudos de grupos dominantes, sendo uma das formas pelas quais a dominação simbólica se impõe ao pesquisador (Chamboredon et al., 1994).

Ainda que muito mais eficazes, as indicações não são garantia de sucesso. Essa maneira de proceder não está livre de erros ou de colocar o pesquisador em pequenas “saídas justas”, como nas vezes em que o novo contato não reagia bem aos nomes que foram elencados. Aqui entra em pauta não só uma eventual inimizade ou antipatia, mas o fato de se avaliar que determinado indivíduo não era digno de ser reputado como um bom profissional. E cristalizando a percepção de que esse espaço não era regido apenas por relações de coleguismo e fraternidade, um jornalista de Brasília alertou para não citar em conversas, e-mails ou ligações certas pessoas que tinham sido ou seriam entrevistadas, pois algumas delas não teriam um bom convívio entre si, e essa menção poderia ser fonte de negativas.

A forma utilizada para identificar os profissionais pertinentes obedeceu ao estratégia de procurar a rede em que as definições surgem e são usadas (Becker, 2007), para captar os critérios de pertencimento, reconhecimento e atribuição de prestígio. Isto porque, na trilha de Boltanski (1982), o objetivo era dar conta do processo de reagrupamento do qual esse grupo era produto, analisando o trabalho social de definição e delimitação que acompanhou sua formação e objetivação (Lacroix, 1985; Boigeol; Dezalay, 1997; Gaïti, 2006). Esse enfoque demandava o recurso à abordagem qualitativa, muito apropriada quando o grupo estudado possui fronteiras imprecisas (Legavre, 1996). A escolha assim efetuada contribuiu para elucidar aos poucos as categorias pelas quais os jornalistas se classificavam mutuamente. Entre outras coisas, evidenciou que boa parte dos novos nomes sugeridos estava ligada às avaliações de quem era julgado como uma referência no *métier*. “É engraçado, a gente acaba indicando quem a gente admira...”, disse um repórter. O critério básico de seleção foi, portanto, “reputacional”.

A representação de que o jornalismo investigativo remete a um padrão de excelência profissional (Chupin; Nollet, 2006) é muito difundida no meio. Sob esse prisma, os

¹³ Indicações importantes sobre o exame das representações de si e das objetivações e tipificações que contribuem para constituir a percepção retrospectiva da existência de uma vocação são encontradas em Damamme (1994).

¹⁴ O mesmo depreende-se do insucesso na tentativa de aplicação de questionários enviados por e-mail. Aqui, é preciso então frisar, mobilizando as palavras de Bennani-Chraïbi (2010, p. 96), que “o recurso a um método ou outro não está ligado a uma preferência técnica ou a uma posição epistemológica *a priori*. Ele decorre mais dos contextos da investigação e de um longo e paciente trabalho de confecção de redes de confiança”.

jornalistas considerados investigativos que foram sugeridos eram quase sempre introduzidos por uma breve exposição das suas proezas: “Ele(a) descobriu isso”, “Ele(a) revelou aquilo”, “Foi ele(a) quem denunciou o esquema X”, “Ele(a) investigou o caso Y” foram frases ouvidas com frequência. Tal observação corrobora uma das hipóteses de Marchetti (2001) e Charon (2003) quanto à notoriedade que os jornalistas adquiriram através dos “casos” que revelaram ou “escândalos” que suscitaram. O fato dá a medida do quanto a “corrida pelo furo” (Bourdieu, 1997; Marchetti, 2001; 2010; Champagne; Marchetti, 1994; Lemieux, 2001a; Neveu, 2006) se impõe, contribuindo para forjar notabilidades e sedimentar hierarquias, a ponto de um entrevistado admitir que, embora não gostasse da expressão “jornalismo investigativo”, ser identificado nesses termos rendia melhores salários, reconhecimento e privilégios, como a possibilidade de ficar afastado do “dia a dia”, do “factual”, concentrando-se em pautas específicas e por mais tempo, algo cada vez mais raro no cotidiano das redações¹⁵. Em suma, a estrutura deste universo tem na gestão e no acúmulo de capital simbólico uma dimensão fundamental (Bourdieu, 1997; 2010; Marchetti, 2001; 2002; Neveu, 2006; Champagne, 2016).

Antes de cada entrevista, era feita uma preparação, que consistia em um levantamento da carreira, singularizando o entrevistado (Barbot, 2015), a fim de identificar temas específicos a serem abordados ou aprofundados. Embora importante, esse expediente não foi capaz de eliminar defasagens face às expectativas que uma parcela dos profissionais tinha com a entrevista a ser concedida. Com alguns, sobretudo figuras mais conhecidas, foi possível notar o quão óbvias certas perguntas soavam; com outros, as informações recolhidas revelaram-se equivocadas ou desatualizadas, e questionamentos formulados com base nelas geraram estranheza. Mas esse levantamento de dados que antecedia as entrevistas aponta para outro aspecto importante: a posse desigual de informação prévia entre investigador e investigado, que geralmente favorece o primeiro em detrimento do segundo (Seidl, 2015). Em alguns casos, esse desequilíbrio foi a principal fonte de desconfianças em relação ao trabalho. Visando a contorná-lo, muitas vezes foram concedidas informações sobre aspectos biográficos e profissionais, bem como sobre a origem do interesse em empreender a pesquisa. Em termos de elaboração e gestão da identidade de si junto ao universo, um dos pontos destacados era o fato de não se tratar de um jornalista ou estudante da área de Comunicação, buscando assim deixar o interlocutor à vontade para dissertar sobre aquilo mesmo que julgava como o mais elementar do seu ofício.

Nas duas pesquisas, o conjunto dos entrevistados era socialmente heterogêneo. No primeiro caso, havia desde um prefeito com elevado capital econômico, social e simbólico, até lideranças comunitárias da periferia da cidade e de povoados da zona rural; no segundo, jornalistas experientes e consagrados ao lado de outros mais jovens e em início de carreira. Portanto, são situações cuja dominação é de “geometria variável” (Chamboredon et al., 1994), nas quais a posição dominante do pesquisado se estabelece em relação aos recursos detidos pelo próprio pesquisador no momento do contato, com todos os efeitos daí

¹⁵ As pressões que se exercem sobre o espaço jornalístico são discutidas por Bourdieu (1997; 2025), Champagne (1996; 2016), Neveu (2006), Chupin e Nollet (2006), entre outros.

decorrentes. É por isso que, seguindo na linha de Pollak (1990), que considera necessário explicitar a variedade das situações de entrevista, são destacadas abaixo três ocasiões relativas à segunda pesquisa que se situam em dois polos distintos da relação pesquisador-pesquisado, tanto em termos de interação quanto de propriedades sociais. As duas primeiras estão na “zona de conforto” do pesquisador, ou seja, quando o entrevistado assume uma posição passiva, que permite uma maior segurança e controle na condução do diálogo. Neste polo, encontra-se a entrevista com um jornalista jovem, repórter de um veículo em Brasília, de origem social modesta. A conversa encaminhava-se de modo normal, mas não demorou a assumir contornos singulares, com seu flagrante e crescente nervosismo. Ficou claro que aquilo que o estava deixando inseguro e desconfortável era a presença do roteiro de questões visível sobre a mesa, dando a impressão de um “interrogatório”. Para tentar deixá-lo mais à vontade e imprimir um tom mais informal, os papéis foram guardados, o que parece ter surtido efeito. Ainda neste primeiro polo está a entrevista com um jornalista nascido e criado na periferia de São Paulo, também com origem social baixa. Mais velho, o experiente repórter, especializado na cobertura de pautas muito delicadas, desde o primeiro contato estabeleceu “professor” e “senhor” como formas de tratamento, em tom de deferência. Chegou a desculpar-se duas vezes: na primeira, por falar uma gíria; na segunda, por “não falar bem”, “não ser um bom orador”. Finalizada a gravação, perguntou: “Agora eu posso falar minhas gírias da periferia, né, professor?”¹⁶.

Como pontua Bourdieu (2023), o pesquisador em Ciências Sociais não pode esperar controlar totalmente a situação de pesquisa, entre outros motivos porque os indivíduos estudados também podem jogar com ela, consciente ou inconscientemente, fazendo essa transação voltar em seu proveito¹⁷. Assim, no outro polo, o das circunstâncias em que a dissimetria operava em favor do pesquisado, está uma entrevista que configura um exemplo de resistência à objetivação (ibidem). Tratava-se de um profissional mais velho, destacado no seu ramo de atuação, no Brasil e no exterior. Filho de um importante jornalista tido como um dos responsáveis pela modernização da imprensa brasileira e membro de uma família muito tradicional de São Paulo, com descendentes ocupando posições de relevo em vários domínios de atividade, ele nos recebeu em sua residência, em bairro nobre da capital paulista. Mesmo tendo sido informado com detalhamento e com a devida antecedência sobre os eixos norteadores do trabalho, demonstrou desconforto com as perguntas relativas às suas origens

¹⁶ Este exemplo permite chamar a atenção para o fato de que as representações que os pesquisados possuem do pesquisador dependem em parte das suas representações sobre a universidade (Bourdieu, 2023; Chamboredon et al., 1994; Legavre, 1996; Seidl, 2015). De modo diverso, mas também ilustrativo das representações sobre a universidade, bem como das hierarquias sociais e disciplinares que se impuseram na relação pesquisador-pesquisado, tem-se a conversa prévia à entrevista com o mencionado prefeito, quando foi explicada e justificada a necessidade de entrevistá-lo. Formado em Medicina e poderoso empresário do ramo hospitalar na região, contando também com a ocupação de vários cargos eletivos anteriores, seu patrimônio milionário à época era constituído em sua maioria de bens ligados a investimentos agropecuários – e sua esposa, quando concorreu ao cargo de deputada estadual em 2010, foi apontada como a candidata com o maior volume de patrimônio declarado de todo o país (ver Lima, 2012, p. 56). Ao tomar conhecimento de que seu relato serviria aos propósitos de uma pesquisa em Ciências Sociais, imediatamente questionou: “E isso dá dinheiro?”.

¹⁷ Isto é ainda mais patente na pesquisa junto às classes dominantes, como demonstram Pinçon-Charlot e Pinçon (1993).

sociais. Após responder de modo lacônico a duas ou três dessas questões, recusou-se a responder as demais, questionando as categorias utilizadas. A sua posição de autoridade limitou qualquer tentativa de condução da entrevista, que terminou pela interdição completa, quando disse: “Guarde as suas perguntas aí. Eu já dei muitas entrevistas sobre isso”¹⁸.

O que se apresenta à primeira vista como uma interação malsucedida revela-se uma valiosa oportunidade para refletir sobre as condições de possibilidade de entrevistas junto aos “dominantes”. As manifestações da posição dominante do entrevistado são numerosas, envolvendo o espaço onde se desenrola a entrevista, a postura corporal e os modos de falar, além da potencial interiorização da dominação derivada do próprio levantamento prévio de informações no processo de preparação da entrevista, dando ao pesquisador a convicção de que está prestes a interagir com alguém “importante”. Somados esses elementos de ordem objetiva e subjetiva, a troca torna-se muito desigual em favor do pesquisado, tirando do pesquisador a capacidade de conduzir a entrevista de modo a coletar as informações pertinentes ao problema de pesquisa, como aquelas relativas às origens sociais, socialização política e trajetória socioprofissional, fundamentais para que seja possível reconstruir as posições do agente nos diferentes domínios sociais nos quais ele se move. De fato, junto a “dominantes profissionalizados”, questões dessa ordem podem ser vistas mesmo como ilegítimas. Com efeito, esse entrevistado, ao solicitar a suspensão das perguntas elaboradas previamente, se dispôs a partir de então a falar apenas da sua atuação na questão pela qual se notabilizou, na condição de *expert*¹⁹.

Pesquisa em contextos de “crise”

Outro ponto em comum entre as pesquisas foi o fato de terem sido desenvolvidas em conjunturas de “crise política”, que foram decisivas para uma compreensão mais acurada dos fenômenos analisados. No que diz respeito ao estudo das elites políticas em âmbito local, a primeira década dos anos 2000 marcou uma série de redefinições e reviravoltas importantes na balança de equilíbrio de poder (Elias, 2008) entre as principais facções políticas no plano estadual, com repercussões nos níveis federal e municipal. Em 2006, Jackson Lago foi eleito governador do Maranhão pelo PDT, o primeiro integrante da oposição à “oligarquia” a lograr esse feito desde a redemocratização, ao capitanear a chamada “Frente de Libertação do Maranhão”, uma ampla e heterogênea coalizão, composta inclusive por ex-apoiadores da “família Sarney”. No entanto, em 2009, Lago teve seu mandato cassado pelo TSE, e Roseana Sarney voltou à condição de governadora do estado, cargo que exercera por dois mandatos consecutivos, de 1995 a 2002. Essa aguda confrontação política produziu rearranjos nas

¹⁸ A variação das condições de realização de entrevistas segundo as hierarquias sociais em jogo na interação pesquisador-pesquisado também foi observada na primeira pesquisa abordada, ainda que de modo menos contrastado. Diante de indivíduos dotados de maior titulação escolar, maior patrimônio econômico e mais bem situados no interior das respectivas facções, a tendência era de relatos mais “protocolares”. Quando os entrevistados foram lideranças comunitárias, a receptividade e a disposição em colaborar foram muito maiores.

¹⁹ Esses apontamentos são inspirados nas experiências de pesquisa relatadas por Chamboredon et al. (1994).

relações analisadas, e tornou mais nítidas as lógicas de funcionamento do espaço e as interdependências entre os níveis da hierarquia política. Mais especificamente, no processo eleitoral de 2010, e tomando o prefeito acompanhado desde 2008 como o “alfa” (Barnes, 1987) de uma rede intrincada de laços ancorados em lealdades, traições, amizades e troca de favores, foi possível cotejar os registros pelos quais as práticas ganharam significação e legitimidade, conformando os papéis constituintes do *métier* político naquele contexto (Briquet; Sawicki, 1997; Lagroye, 1994). Nesse sentido, demonstrou-se que, em disputas nas quais os vínculos tidos como políticos se confundem com relações de “dominação tradicional” (Bourdieu, 2006), o peso das agremiações partidárias e suas respectivas ideologias precisa ser matizado, e as mudanças nas filiações partidárias dos protagonistas – bem como as coligações e “dobradinhas” concebidas para o pleito de 2010, em função da troca no comando do Executivo estadual – puderam ser melhor explicadas ao se voltar a atenção para as cadeias de líderes-seguidores (Landé, 1977b) e para o acionamento de conjuntos de ação²⁰ (Mayer, 1987). Por certo, não se trata de relegar as instituições políticas a um papel secundário, como se as lutas travadas entre facções fossem apenas um agregado compósito de alianças e rivalidades pessoais. Na verdade, esse reordenamento das forças políticas estaduais favoreceu a apreensão do duplo horizonte das práticas (Lagroye, 1993), ou seja, a forma como gramáticas oriundas tanto da “pequena” quanto da “grande política” se sobrepõem e condicionam o jogo político nos diferentes níveis (Bailey, 1971; Landé, 1977a; 1977b; Weingrod, 1977; Briquet; Sawicki, 1997; Bezerra, 2006; Palmeira, 2006).

A “crise política” também marcou o desenrolar do empreendimento mais recente. Uma parte substantiva dos obstáculos encontrados relaciona-se ao período em que as incursões a campo foram feitas, que grosso modo coincidiu com a “Operação Lava Jato” e seus desdobramentos. Essa conjuntura colaborou para o aumento dos receios em relação ao pesquisador, e impôs desafios adicionais.

A instabilidade política afetou o universo jornalístico de inúmeras formas, a começar pela aceleração do ritmo de trabalho para dar conta de noticiar cada nova reviravolta política. Isso foi perceptível em várias ocasiões. Para dar apenas um exemplo: no Rio de Janeiro, havia entrevistas agendadas para um dia específico. Na noite anterior, foi divulgada no principal telejornal do país uma conversa telefônica gravada entre o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva e a então presidente da República, Dilma Rousseff, que gerou imediata repercussão. Pela manhã, ao tentar confirmar os encontros, os interlocutores cancelaram o compromisso assumido, pedindo desculpas pelo imprevisto, pois precisavam cobrir a repercussão do fato. De igual modo, quando era deflagrada uma nova operação da Polícia Federal, muitos dos profissionais contatados mobilizavam-se para reportá-la. As entrevistas que foram canceladas por esse motivo em sua maioria puderam ser feitas posteriormente, quando a pauta política se encontrava mais “amena”. As que foram mantidas não deixaram de ser

²⁰ A esse respeito, a resposta de um informante, irmão do prefeito supracitado, quando perguntado sobre o sentido das migrações entre partidos políticos dos familiares ao longo do tempo, é bastante ilustrativa: “Na verdade, não é um viés ideológico, é um viés de oportunidade, né? Todos nós o caráter não é ideológico, o caráter é de conveniência. A ideologia existe, mas não tá por dentro dos partidos. A ideologia não é o partido que nos dão [*sic*], né?”.

marcadas pelos fatos relacionados à “crise política”. Os profissionais alegavam que não poderiam demorar muito, pois precisavam retornar logo para a redação ou se deslocar para uma cobertura, e com frequência demonstravam ansiedade, olhando para o relógio e para o celular, solicitando às vezes a pausa na gravação para que fosse atendido um telefonema ou para trocas de mensagens consideradas urgentes²¹.

No caso de Brasília, ao que parece até as formas de sociabilidade dos profissionais foram afetadas. “Brasília é muito pessoal”, afirmou um repórter para se referir ao fato de que lá a maioria dos profissionais se conhecia. As redações estavam dispostas em regiões próximas na cidade, e os locais das pautas mais recorrentes quase sempre eram comuns, fatores que favoreciam uma convivência intensa, além de muitas vezes serem profissionais deslocados de outras cidades. Essas trocas eram descritas em geral como amistosas, o que ajuda a contextualizar a surpresa de um jornalista que atuava na cidade e nela residia há muitos anos, com a tensão que se instalou no meio jornalístico da capital federal. Segundo seu relato, em *off*, a conjuntura fez com que amizades entre profissionais fossem abaladas e mesmo desfeitas, e teria havido uma ocasião em que jornalistas se agrediram fisicamente durante uma cobertura política. Sintetizou afirmando que “Brasília virou Exú”, comparando as rivalidades ali observadas com as que tinham lugar na cidade do sertão pernambucano. Duas considerações são relevantes para situar esse tipo de contenda. Coradini (1997) destaca que, em contextos nos quais princípios e regras aplicados às relações profissionais são principalmente os que se baseiam na reciprocidade, as concepções de política vigentes remetem, elas também, a relações de caráter particularístico, com as consequentes tensões e conflitos. A política, assim concebida como uma luta entre “amigos e inimigos”, reflete-se nas alianças e rupturas estabelecidas no meio profissional, com o envolvimento da “pessoa total” (*ibidem*). Isso é potencializado em situações de “crise”, nas quais os profissionais experimentam a ruptura relativa das suas rotinas, com o aparecimento de problemas de identificação das situações e o correlato sentimento de incerteza sobre os comportamentos possíveis e o futuro provável que, em situações de “normalidade”, tendem a marcar suas percepções²² (Roussel, 2001).

As dificuldades relativas à negociação e à realização das entrevistas também envolveram questões que se mostraram sensíveis e serviram para refletir sobre os silêncios, os não ditos, os assuntos evitados e seus significados (Saint-Martin, 1993). De fato, as que mais despertaram embaraço foram as que diziam respeito aos engajamentos políticos²³. Pode-

²¹ A maior ou menor disponibilidade variou em relação à posição profissional no momento da coleta do relato. O sentido da urgência naquele contexto se aplicava mais aos que ocupavam funções de reportagem, sobretudo na rubrica “política”. Aqueles que se dedicavam a rubricas menos “quentes” (como esportes ou cultura), ou ainda os que já estavam fora das redações ou em postos de direção, oportunizaram, por essas condições, entrevistas com tempo de duração mais alongado.

²² Para melhor dar conta deste tipo de problema, seria preciso restituir tudo que essa conjuntura deve ao fato de se tratar de uma dinâmica periférica. Ver Badie (1994), Badie e Hermet (1993) e Coradini (2017).

²³ A centralidade dessa dimensão nas entrevistas derivava da hipótese avançada por Marchetti (2001). Para o autor, o “humor anti-institucional” presente em muitos dos jornalistas reconhecidos como investigativos na França teria relação com um passado de ativismo político. A preocupação em captar a dimensão política da atividade jornalística já está presente em Max Weber (2002; 2007), e é reiterada por Dogan (1999).

se considerar que cotejar esse tipo questionamento soava para alguns como um tensionamento de valores centrais para a profissão, como a “objetividade”. Também é razoável supor que esse desconforto tenha sido intensificado pela conjuntura social e política nos anos da Lava Jato. Assim, ao serem perguntados se possuíam histórico de engajamento (movimento estudantil ou sindical, filiação partidária etc.), a tendência da resposta era uma negativa enfática, afirmando que jornalismo e militância são atividades incompatíveis, assemelhando-se ao que foi constatado por Sourp-Taillardas (2010). Essa ambição de separar os diferentes domínios e afirmar posturas distanciadas aproxima esses relatos daquilo que destacou Lemieux (2001b), que se debruçou sobre os jornalistas franceses. Para o autor, eles avançavam a “objetividade” como uma espécie de refúgio, que os colocava ao abrigo das acusações de parcialidade e legitimava sua atuação²⁴. Quando a resposta foi afirmativa, era matizada por falas do tipo: “Mas isso é quando não estou fazendo jornalismo”, “Isso foi na minha juventude” etc. Excepcionalmente, um ou outro entrevistado defendeu a importância dos engajamentos políticos para a prática profissional, posição mais observada entre profissionais situados em posições dominadas no espaço jornalístico²⁵.

O exemplo mais nítido das reticências derivadas desse tipo de questão talvez seja o do diretor de redação de um jornal. Quando questionado sobre suas possíveis vinculações políticas, falou da sua vivência no movimento estudantil sem nenhuma inibição. Ao ser perguntado sobre a existência de envolvimento partidário, informou com certa relutância que foi filiado ao Partido dos Trabalhadores nos anos 1980. Mas, na manhã do dia seguinte, solicitou a supressão da informação: “Por favor, omita aquela referência que fiz a uma filiação, na juventude, a um partido político. Os tempos estão complicados demais. Não quero dar margem a especulações. Isso ocorreu há uns 35 anos, não tenho mais nada a ver com aquilo”.

Para muitos dos que apresentam algum registro de vinculação partidária e participação política mais pronunciada em momentos anteriores do trajeto, a entrada ou a intensificação do investimento profissional representou o abandono da militância organizada ou, para utilizar os termos de Agrikoliansky (2017, p. 175), uma “recusa das lógicas da profissionalização política e dos compromissos que ela exige”. O envolvimento político anterior é modificado em favor da adesão às causas da nova profissão (Lévêque, 2000; Champy; Israël, 2009; Sourp-Taillardas, 2010; Frisque, 2010). Resta que a investigação jornalística de assuntos que são objeto de engajamentos pessoais pode vir a ser uma forma de atuar politicamente, mas por meio da profissão, cumprindo missões “sociais” ou “políticas” ao mesmo tempo em que se obedece aos cânones profissionais²⁶.

²⁴ Sobre a objetividade como um “ritual estratégico” que visa a proteger os jornalistas dos riscos da sua atividade, ver Tuchman (1972). O desenvolvimento do ideal de objetividade na imprensa norte-americana – que influenciou fortemente a imprensa no país – é retratado por Schudson (2010).

²⁵ O engajamento político como um recurso profissional valorizado no jornalismo foi observado no estudo de Aubret (2010).

²⁶ Sobre a possibilidade de a prática da investigação jornalística ser vivida como um prolongamento do engajamento político, ver Marchetti (2001).

Em todo caso, os esforços para desencorajar qualquer tipo de leitura vista como “politicizada” do exercício profissional revelam como pode ser tensa a conciliação entre inclinações políticas e uma prática jornalística considerada “séria”, “objetiva” e “imparcial”. E, tendo em vista que a expressão do caráter explicitamente político de uma atividade pode adquirir um sentido negativo e ser objeto de denúncia (Coradini, 2017), entende-se melhor a preocupação em desvincular sua atuação de preferências ou engajamentos políticos.

Com o encerramento deste segundo trabalho de campo, outras dificuldades apresentaram-se, a começar pelo desafio de transformar em texto o conjunto de observações. Afinal, concordando com Geertz (2005, p. 38-39), “‘estar lá’ em termos autorais [...], de maneira palpável na página, é um truque tão difícil de realizar quanto ‘estar lá’ em pessoa”. Aqui, e ainda remetendo à situação de “crise política”, é preciso destacar um dos problemas que ela impôs à escrita.

Embora não seja algo novo, tampouco uma especificidade nacional (Lemieux, 2001b), o recrudescimento das críticas à “mídia” no período recente teve efeitos sobre as relações com o universo. Por se situarem no epicentro de boa parte dos acontecimentos políticos que reverberaram pelo país naqueles anos, a injunção mais sentida no processo de escrita foi sem dúvida a de ter que fazê-lo quando os “níveis de perigo e medo”, como diz Elias (1998), encontravam-se muito elevados. Tentando minimizar os efeitos disso, as identidades foram ocultadas sempre que se tratava de algum dado que pudesse gerar prejuízo aos interlocutores. Esse cuidado se deve também às mudanças substantivas nas leituras feitas pelos profissionais da imprensa a respeito da “Operação Lava Jato” e seu legado. As avaliações feitas *à chaud* eram em sua maioria positivas, e muitos jornalistas engajaram-se na cruzada de moralização da política brasileira junto a outras categorias de agentes²⁷. Mas, principalmente após a chamada “Vaza Jato”, quando o teor privado de conversas entre membros do Ministério Público e do Judiciário veio à tona e expôs irregularidades na condução das investigações, ocorreram numerosos debates deontológicos sobre a atuação dos jornalistas na cobertura da operação, o que aponta para um processo de reorientação das representações e práticas profissionais.

Considerações finais

O exame dos dois conjuntos de pesquisas mencionados permitiu identificar regularidades quanto aos obstáculos enfrentados, bem como apresentar procedimentos adotados para tentar superá-los. O intento foi demonstrar como as análises são enriquecidas ao se inserir a dinâmica concreta de trabalho no âmago da construção do objeto. Este exercício se vincula à constatação de que nenhuma situação de pesquisa é natural e envolve trocas que exercem efeitos sobre os resultados obtidos (Beaud; Weber, 2007; Wagner, 1993), e à convicção de que as vicissitudes encontradas ao longo do processo fornecem pistas para

²⁷ Para maiores detalhes, ver Grün (2018) e Lima (2022).

a compreensão dos domínios estudados, notadamente no que se refere às concepções em jogo e aos significados das práticas.

Dificuldade de acesso, desconfianças e resistências de várias ordens são muito frequentes em pesquisas sobre elites, sobretudo quando se trata da coleta de dados qualitativos e interações face a face. A intensidade com que esses percalços se manifestam é diretamente proporcional à maior ou menor distância e familiaridade que o pesquisador possui com o universo estudado, dadas a sua origem e as suas propriedades sociais. Isso implica levar adiante o esforço de aplicação do princípio da reflexividade – que demanda, mais do que uma introspecção intelectual, uma análise e um controle sociológicos permanentemente aplicados à prática (Bourdieu; Wacquant, 1992, p. 35) – a todas as etapas do trabalho, com o objetivo de elucidar as condições sociais de construção do objeto e de realização das operações práticas da pesquisa.

Referências

- AGRIKOLIANSKY, Éric. Les “carrières militantes”: portée et limites d’un concept narratif. In: FILLIEULE, Olivier *et al.* *Sociologie plurielle des comportements politiques*. Paris: Presses de Sciences Po., 2017. p. 167-192.
- AUBRET, Camille. Les journalistes politiques libanais, entre engagements professionnels et militants. Quelques usages des convictions politiques chez les journalistes de presse au Liban. In: LÉVÊQUE, Sandrine; RUELLAN, Denis. (Dir.). *Journalistes engagés*. Rennes: PUR, 2010. p. 127-143.
- BADIE, Bertrand. *Le développement politique*. Paris: Economica, 1994.
- BADIE, Bertrand; HERMET, Guy. Las dinámicas huérfanas. In: BADIE, Bertrand; HERMET, G. *Política comparada*. México: Fondo de Cultura Económica, 1993. p. 180-212.
- BAILEY, Frederik G. *Les règles du jeu politique*. Paris: PUF, 1971.
- BARBOT, Janine. Conduzir uma entrevista face a face. In: PAUGAM, Serge. *A pesquisa sociológica*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. p. 102-123.
- BARNES, John. Redes sociais e processo político. In: FELDMAN-BIANCO, Bela. (Org.). *Antropologia das sociedades contemporâneas*. São Paulo: Global, 1987. p. 171-204.
- BEAUD, Stéphane; WEBER, Florence. *Guia para a pesquisa de campo: produzir e analisar dados etnográficos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- BECKER, Howard. *Segredos e truques da pesquisa*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- BENNANI-CHRAÏBI, Mounia. Quand négocier l’ouverture du terrain c’est déjà enquêter. Obtenir la passation de questionnaires aux congressistes de partis marocains. *Revue Internationale de Politique Comparée*, v. 17, 2010, p. 93-108.
- BEZERRA, Marcos Otávio. O “caminho das pedras”: representação política e acesso ao governo federal segundo o ponto de vista de políticos municipais. In: PALMEIRA, Moacir; BARREIRA, Cesar. (Org.). *Política no Brasil: visões de antropólogos*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2006. p. 179-201.

- BOIGEOL, Anne; DEZALAY, Yves. De l'agent d'affaires au barreau: les conseils juridiques et la construction d'un espace professionnel. *Genèses*, n. 27, p. 49-68, 1997.
- BOISSEVAIN, Jeremy. Second thoughts on quasi-groups, categories and coalitions. *Man*, v. 6, n. 3, p. 468-472, 1971.
- BOISSEVAIN, Jeremy. Coaliciones. In: SANTOS, Félix Requena. *Análisis de redes sociales: orígenes, teorías y aplicaciones*. Barcelona: Siglo Veintiuno, 2003. p. 147-183.
- BOLTANSKI, Luc. *Les cadres*. La formation d'un groupe social. Paris: Minuit, 1982.
- BOURDIEU, Pierre. *La noblesse d'État*: grandes écoles et esprit de corps. Paris: Minuit, 1989.
- BOURDIEU, Pierre. *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.
- BOURDIEU, Pierre. Modos de dominação. In: BOURDIEU, Pierre. *A produção da crença: contribuição para uma economia dos bens simbólicos*. Porto Alegre: Zouk, 2006. p. 191-219.
- BOURDIEU, Pierre. O capital social – notas provisórias. In: BOURDIEU, Pierre. *Escritos de educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 65-69.
- BOURDIEU, Pierre. *O senso prático*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- BOURDIEU, Pierre. Champ du pouvoir et division du travail de domination. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, n. 190, p. 126-139, 2011.
- BOURDIEU, Pierre. Compreender. In: BOURDIEU, Pierre. *A miséria do mundo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2023, p. 693-732.
- BOURDIEU, Pierre. *Microcosmos: teoria dos campos*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2025.
- BOURDIEU, Pierre; WACQUANT, Loïc. *Réponses*. Pour une anthropologie réflexive. Paris: Seuil, 1992.
- CANÊDO, Leticia. Estratégias familiares na produção social de uma qualificação política. *Educação e Sociedade*, v. 32, n. 1, p. 221-246, 1991.
- CHAMBOREDON, Hélène et al. S'imposer aux imposants: à propos de quelques obstacles rencontrés par des sociologues débutants dans la pratique et l'usage de l'entretien. *Genèses*, n. 16, 1994, p. 114-132.
- CHAMPAGNE, Patrick. *Formar a opinião: o novo jogo político*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.
- CHAMPAGNE, Patrick. *La double dépendance*. Sur le journalisme. Paris: Raisons d'agir, 2016.
- CHAMPAGNE, Patrick; MARCHETTI, Dominique. L'information médicale sous contrainte. À propos du "scandale du sang contaminé". *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, n. 101-102, p. 40-62, 1994.
- CHAMPY, Florent; ISRAËL, Liora. Professions et engagement public. *Sociétés Contemporaines*, n. 73, p. 7-19, 2009.
- CHARON, Jean-Marie. Le journalisme d'investigation et la recherche d'une nouvelle légitimité. *Hermès*, n. 35, p. 137-144, 2003.
- CHUPIN, Ivan; NOLLET, Jérémie. Jalons pour une sociologie historique des interdépendances du journalisme à d'autres univers sociaux. In: CHUPIN, Ivan; NOLLET, Jérémie. (Dir.). *Journalisme et dépendances*. Paris: L'Harmattan, 2006. p. 16-32.

- CORADINI, Odaci Luiz. Grandes famílias e elite “profissional” na Medicina no Brasil. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, p. 425-466, 1997.
- CORADINI, Odaci Luiz. Panteões, iconoclastas e as ciências sociais. In: FÉLIX, Loiva Otero; ELMIR, Cláudio P. (Org.). *Mitos e heróis: construção de imaginários*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1998a. p. 209-233.
- CORADINI, Odaci Luiz. Origens sociais, mediação e processo eleitoral num município de imigração italiana. In: BARREIRA, Irllys; PALMEIRA, Moacir. (Org.). *Candidatos e candidaturas: enredos de campanha eleitoral no Brasil*. São Paulo: Annablume, 1998b. p. 81-104.
- CORADINI, Odaci Luiz. *Em nome de quem?* Recursos sociais no recrutamento de elites políticas. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- CORADINI, Odaci Luiz. As elites como objeto de estudos. In: CORADINI, Odaci Luiz. *Estudos de grupos dirigentes no Rio Grande do Sul: algumas contribuições recentes*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008. p. 7-18.
- CORADINI, Odaci Luiz. A condição em falso: sobre um trajeto de professor e pesquisador em Ciências Sociais no Brasil. *Espacios en Blanco*, n. 20, p. 129-161, 2010.
- CORADINI, Odaci Luiz. A politização em condições politicistas: alguns problemas analíticos e resultados de trabalhos. *Política & Sociedade*, v. 16, n. 37, p. 36-75, 2017.
- DAMMAME, Dominique. Grandes illusions et récits de vie. *Politix*, n. 77, 1994, p. 183-188.
- DEZALAY, Yves; GARTH, Bryant G. *La mondialisation des guerres de palais*. La restructuration du pouvoir d’État en Amérique latine, entre notables du droit et “Chicago Boys”. Paris: Seuil, 2002.
- DOGAN, Mattei. Les professions propices à la carrière politique: osmose, filières et viviers. In: OFFERLÉ, Michel (Dir.). *La profession politique*. XIXe-XXe siècles. Paris: Belin, 1999. p. 171-199.
- ELIAS, Norbert. *Envolvimento e alienação*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- ELIAS, Norbert. *Introdução à Sociologia*. Lisboa: Edições 70, 2008.
- FRISQUE, Cégolène. Des militants du journalisme? Les journalistes “critiques” comme militants de l’autonomie professionnelle. In: LÉVÊQUE, Sandrine; RUELLAN, Denis. (Dir.). *Journalistes engagés*. Rennes: PUR, 2010. p. 145-164.
- GAÏTI, Brigitte. Entre les faits e les choses. La double face de la sociologie politique des institutions. In: COHEN, Antonin; LACROIX, Bernard; RIUTORT, Philippe. (Dir.). *Les formes de l’activité politique*. Éléments d’analyse sociologique, du XVIIIe siècle à nos jours. Paris: PUF, 2006. p. 39-64.
- GEERTZ, Clifford. *Obras e vidas: o antropólogo como autor*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.
- GRILL, Igor Gastal. Múltiplas dimensões de uma agenda comum de pesquisas: elites, profissionais e lideranças políticas. In: GRILL, Igor Gastal; REIS, Eliana Tavares; BARROS FILHO, José. (Org.). *Elites, profissionais e lideranças políticas (RS e MA): pesquisas recentes*. São Luís: EDUFMA, 2008a. p. 11-26.
- GRILL, Igor Gastal. *“Heranças políticas” no Rio Grande do Sul*. São Luís, EDUFMA, 2008b.
- GRILL, Igor Gastal. Apresentação: elementos de uma agenda de estudos sobre as eleições municipais de 2008 no Maranhão. GRILL, Igor Gastal et al. (Org.). *Eleições municipais no Maranhão*:

- bases sociais das candidaturas, especialização política e redes de relações. São Luís, EDUFMA, 2010. p. 5-12.
- GRILL, Igor Gastal. Especialização política: bases sociais, profissionalização e configurações de apoios. In: SEIDL, Ernesto; GRILL, Igor Gastal. (Org.). *As ciências sociais e os espaços da política no Brasil*. Rio de Janeiro: FGV, 2013. p. 227-278.
- GRÜN, Roberto. *Da pizza ao impeachment: uma sociologia dos escândalos no Brasil contemporâneo*. São Paulo: Alameda, 2018.
- GRYNSZPAN, Mario. A teoria das elites e sua genealogia consagrada. *BIB*, Rio de Janeiro, n. 41, p. 35-83, 1996.
- GRYNSZPAN, Mario. *Ciência, política e trajetórias sociais: uma sociologia histórica da teoria das elites*. Rio de Janeiro: FGV, 1999.
- GRYNSZPAN, Mario; GRILL, Igor Gastal. Elites: recursos e legitimação. *Revista Pós Ciências Sociais*, v. 8, n. 15, p. 9-14, 2011.
- LACROIX, Bernard. Ordre politique et ordre social: objectivisme, objectivation et analyse politique. In: GRAWITZ, Madeleine; LECA, Jean. *Traité de Science Politique* (Tome 1: La science politique, science sociale, l'ordre politique). Paris: PUF, 1985. p. 469-565.
- LANDÉ, Carl. H. Introduction: the dyadic basis of clientelism. In: SCHMIDT, Steffen W. et al. (Eds.). *Friends, Followers and Factions. A reader in political clientelism*. Berkeley: University of California Press, 1977a. p. XIII-XXXVII.
- LANDÉ, Carl. H. Groups politics and dyadic politics: notes for a theory. In: SCHMIDT, Steffen W. et al. (Eds.). *Friends, Followers and Factions. A reader in political clientelism*. Berkeley: University of California Press, 1977b. p. 506-510.
- LAGROYE, Jacques. De l'objet local à l'horizon local des pratiques. In: MABILEAU, Albert. (Dir.). *À la recherche du local*. Paris: L'Harmattan, 1993. p. 132-166.
- LAGROYE, Jacques. Être du métier. *Politix*, v. 7, n. 28, p. 5-15, 1994.
- LEGAVRE, Jean-Baptiste. La "neutralité" dans l'entretien de recherche. Retour personnel sur une évidence. *Politix*, v. 9, n. 35, 1996, p. 207-225.
- LEMIEUX, Cyril. Heurs et malheurs du journalisme d'investigation en France. In: DELPORTE, C.; PALMER, Michael; RUELLAN, Denis. (Eds.). *Presse à scandale, scandale de presse*. Paris: L'Harmattan, 2001a. p. 85-96.
- LEMIEUX, Cyril. Les formats de l'égalitarisme: transformations et limites de la figure du journalisme-justicier dans la France contemporaine. *Quaderni*, n. 45, p. 53-68, 2001b.
- LÉVÊQUE, Sandrine. *Les journalistes sociaux*. Histoire et sociologie d'une spécialité journalistique. Rennes: PUR, 2000.
- LIMA, João Gilberto do Nascimento. Seleção de "elites locais" e a dinâmica de concorrência eleitoral em Campos (MA). In: GRILL, Igor Gastal et al. (Org.). *Eleições municipais no Maranhão: bases sociais das candidaturas, especialização políticas e redes de relações*. São Luís: EDUFMA, 2010. p. 27-117.
- LIMA, João Gilberto do Nascimento. Diversificação de papéis e divisão do trabalho político especializado: análise a partir de uma "família de políticos" do Maranhão. 2012. *Dissertação* (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Maranhão, Centro de Ciências Humanas. São Luís, 2012.

- LIMA, João Gilberto do Nascimento. Coalizões em disputas eleitorais: notas a partir de um caso do nordeste brasileiro. *Tomo*, n. 25, p. 191-224, 2014.
- LIMA, João Gilberto do Nascimento. Agir pelo jornalismo: do engajamento profissional à “defesa intransigente dos direitos humanos”. *Revista Debates*, v. 12, n. 3, p. 87-106, 2018.
- LIMA, João Gilberto do Nascimento. Lutas e dinâmicas em torno do “jornalismo investigativo” no Brasil. 2019. *Tese* (Doutorado em Ciência Política) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Porto Alegre, 2019.
- LIMA, João Gilberto do Nascimento. Entre cooperação e concorrência: jornalistas e operadores do direito em empresas de moralização da política no Brasil. *Revista de Ciências Sociais*, v. 53, p. 197-245, 2022.
- MARCHETTI, Dominique. Le “journalisme d’investigation”. Genèse et consécration d’une spécialité journalistique. In: BRIQUET, Jean-Louis; GARRAUD, Philippe. (Dirs.). *Juger la politique*. Entreprises et entrepreneurs critiques de la politique. Rennes: PUR, 2001. p. 167-191.
- MARCHETTI, Dominique. Les sous-champs spécialisés du journalisme. *Réseaux*, v. 1, n. 111, p. 22-55, 2002.
- MARCHETTI, Dominique. Les ajustements du marché scolaire au marché du travail journalistique. *Hermès*, n. 35, p. 81-89, 2003.
- MARCHETTI, Dominique. *Quand la santé devient médiatique*: les logiques de production de l’information dans la presse. Grenoble: PUG, 2010.
- MAYER, Adrian C. A importância dos quase-grupos no estudo das sociedades complexas. In: FELDMAN-BIANCO, B. (Org.). *Antropologia das sociedades contemporâneas*. São Paulo: Global, 1987. p. 139-170.
- MENSION-RIGAU, Éric. Impressions et réflexions sur une enquête de terrain dans l’aristocratie et dans la grande bourgeoisie. *Journal des Anthropologues*, n. 53-54-55, p. 37-47, 1993.
- NEVEU, Éric. *Sociologia do jornalismo*. São Paulo: Edições Loyola, 2006.
- OFFERLÉ, Michael. Usages et usure de l’héritage en politique. *Revue Française de Science Politique*, n. 5, p. 850-856, 1993.
- OLIVEIRA, Wilson José Ferreira de. O antropólogo como um “espião”: quando a observação participante põe em “risco” as fronteiras dos grupos estudados. *Revista Pós Ciências Sociais*, v. 7, n. 14, p. 123-142, 2011.
- OLIVEIRA, Wilson José Ferreira de. Antropologia, política e etnografia: fronteiras disciplinares e trabalho de campo. In: PERISSINOTTO, Renato; CODATO, Adriano (Org.). *Como estudar elites*. Curitiba: Ed. UFPR, 2015. p. 187-214.
- PALMEIRA, Moacir. Eleição municipal, política e cidadania. In: PALMEIRA, Moacir; BARREIRA, Cesar. (Org.). *Política no Brasil*: visões de antropólogos. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2006. p. 137-150.
- PALMEIRA, Moacir. Política, facções e voto. In: PALMEIRA, Moacir; HEREDIA, Beatriz. *Política ambígua*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2010. p. 15-26.
- PALMEIRA, Moacir; HEREDIA, Beatriz. Os comícios e a política de facções. In: PALMEIRA, Moacir; HEREDIA, Beatriz. *Política ambígua*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2010. p. 27-79.

- PATRIAT, Claude; PARODI, Jean-Luc. (Org.). *L'héritage en politique*. Paris: Economica, 1992.
- PETRARCA, Fernanda Rios. "O jornalismo como profissão": recursos sociais, titulação acadêmica e inserção profissional dos jornalistas no Rio Grande do Sul. 2007. *Tese* (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Porto Alegre, 2007.
- PINÇON, Michel; PINÇON-CHARLOT, Monique. *Voyage en grande bourgeoisie*. Journal d'enquête. Paris: PUF, 1997.
- PINÇON, Michel; PINÇON-CHARLOT, Monique. Sociologia da alta burguesia. *Sociologias*, n. 18, p. 22-37, 2007.
- PINÇON-CHARLOT, Monique; PINÇON, Michel. Des difficultés de la recherche dans les classes dominantes: de l'objet impossible au sujet manipulé. *Journal des Anthropologues*, n. 53-54-55, p. 29-36, 1993.
- PINTO, Louis. Experiência vivida e exigência científica de objetividade. In: MERLLIÉ, Dominique et al. (Org.). *Iniciação à prática sociológica*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996. p. 13-57.
- POLLAK, Michael. *L'expérience concentrationnaire*. Essai sur le maintien de l'identité sociale. Paris: Métailié, 1990.
- ROUSSEL, Violaine. Les magistrats dans les scandales politiques en France. Logiques d'action et jeux judiciaires locaux. In: BRIQUET, Jean-Louis; GARRAUD, Philippe (Dirs.). *Juger la politique*. Entreprises et entrepreneurs critiques de la politique. Rennes: PUR, p. 69-86, 2001.
- SAINT-MARTIN, Monique de. *L'espace de la noblesse*. Paris: Métailié, 1993.
- SEIDL, Ernesto. Estudar os poderosos: a sociologia do poder e das elites. In: SEIDL, Ernesto; GRILL, Igor Gastal (Org.). *As ciências sociais e os espaços da política no Brasil*. Rio de Janeiro: FGV, 2013. p. 179-226.
- SEIDL, Ernesto. Viagem pela alta hierarquia: pesquisa de campo e interações com elites eclesiásticas. In: PERISSINOTTO, Renato; CODATO, Adriano (Org.). *Como estudar elites*. Curitiba: Ed. UFPR, 2015. p. 121-148.
- SEIDL, Ernesto; GRILL, Igor Gastal. A política como objeto de estudo das ciências sociais. In: SEIDL, Ernesto; GRILL, Igor Gastal. (Org.). *As ciências sociais e os espaços da política no Brasil*. Rio de Janeiro: FGV, 2013. p. 7-20.
- SCHUDSON, Michael. *Descobrendo a notícia: uma história social dos jornais nos Estados Unidos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- SOURP-TAILLARDAS, Marie-Laure. Un travail de conversion au journalisme. Désengagement militant des journalistes politiques de presse écrite généraliste: le cas des *rubricards* Front National. In: LÉVÊQUE, Sandrine; RUELLAN, Denis. (Dirs.). *Journalistes engagés*. Rennes: PUR, 2010. p. 73-90.
- TUCHMAN, Gaye. Objectivity as strategic ritual: an examination of newsmen's notions of objectivity. *American Journal of Sociology*, v. 77, n. 4, p. 660-679, 1972.
- WAGNER, Anne-Catherine. Point de vue local, point de vue international. Une enquête auprès de la bourgeoisie d'affaires étrangère en France. *Journal des Anthropologues*, n. 53-54-55, p. 49-58, 1993.
- WHYTE, William Foote. *Sociedade de esquina*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- WEBER, Max. *Ciência e política: duas vocações*. São Paulo: Cultrix, 2007.



WEBER, Max. Sociologia da imprensa: um programa de pesquisa. *Lua Nova*, n. 55-56, p. 185-194, 2002.

WEINGROD, Alex. Patronage and power. In: GELLNER, Ernest; WATERBURY, John. (Eds.). *Patrons and clients in mediterrânea societies*. Madrid: Jucar, 1977. p. 41-51.

Recebido em: 17-06-2025

Modificado em: 22-09-2025

Aceito em: 15-11-2025

João Gilberto do Nascimento Lima

Professor do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM/RS).